

O TRABALHO COM A LEITURA E ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA E INTERDISCIPLINAR

Evanilza Ferreira da Silva¹

Mariete de Souza Amorim Lima²

Tatiane Castro dos Santos³

Nádson Araújo dos Santos⁴

Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir o trabalho na alfabetização em uma perspectiva discursiva e interdisciplinar, destacando o potencial deste para o ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de pesquisa qualitativa, realizada a partir da análise de uma proposta didática interdisciplinar realizada em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, com o tema “Meu animal de estimação: conhecendo mais os animais domesticados”, que tinha como objetivo inserir os estudantes no universo da leitura e da escrita significativa a fim de que percebam que essas práticas se constituem fontes de conhecimentos que possibilitam conhecer mais sobre os animais e sobre o mundo ao seu redor. Para o estudo, tomamos como base Smolka (2012), Goulart (2014), Braggio (2002) e Fazenda (2011). Os resultados apontam que as crianças leram os textos buscando respostas para suas inquietações e escreveram para comunicar os conhecimentos construídos sobre os animais em um seminário. Percebe-se que aprenderam, ao mesmo tempo, os conteúdos relacionados à Ciências da Natureza e à linguagem. Destaca-se, portanto, a importância de um trabalho interdisciplinar, que favoreça a aprendizagem da leitura e da escrita na alfabetização, ao mesmo tempo que permita ao aluno discutir conhecimentos diversos, especialmente que dialoguem com suas realidades e seus próprios saberes.

Palavras-chaves: Alfabetização; Leitura e escrita; Interdisciplinaridade

Introdução

Neste estudo discutimos o trabalho na alfabetização em uma perspectiva discursiva e interdisciplinar, destacando o potencial deste para o ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, apresentamos o relato de uma proposta didática

¹Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre – CAp/Ufac. Contato: evanilza.vip@gmail.com

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre – Ufac. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA) – UFPA/Ufac. Professora da Rede Estadual de Educação do Acre. Contato: marieteamorim@hotmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora Associada do Centro de Educação Letras e Artes da Universidade Federal do Acre – Ufac. Contato: tatiane.santos@ufac.br

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Alagoas - Ufal. Professor do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre - Ufac. Contato: nadson.santos@ufac.br .

desenvolvida em uma turma de alfabetização, no 2º ano, em uma escola pública do município de Rio Branco, Acre. Tratou-se de uma sequência didática sobre os animais domesticados, que tinha como objetivo geral inserir os estudantes no universo da leitura e da escrita significativa, a fim de que percebessem que essas práticas se constituem como fontes de conhecimentos que possibilitam conhecer mais sobre os animais e sobre o mundo ao seu redor.

Como embasamento teórico, no campo da Alfabetização, dialogamos com Smolka (2012), Goulart (2014), Braggio (2002), Colello (2021) e Gonçalves (2015). Para discutir interdisciplinaridade, utilizamos Japiassu (1976) e Fazenda (2011).

O artigo encontra-se organizado da seguinte maneira: esta introdução, na qual situamos o objetivo da pesquisa, uma seção na qual apresentamos os pressupostos teóricos acerca da alfabetização em uma perspectiva discursiva e do que entendemos como prática pedagógica interdisciplinar; na sequência, os passos metodológicos do estudo e a análise dos dados, com o relato de uma experiência desenvolvida em uma turma de alfabetização. Seguem-se as considerações finais e as referências.

2 Alfabetização na perspectiva discursiva e Interdisciplinaridade

Ao longo da história, diferentes concepções fundamentaram a alfabetização. Adotar uma concepção traz implicações metodológicas que atuam diretamente sobre o modo de se ensinar, de alfabetizar.

Braggio (1992) analisa as diferentes concepções de leitura e alfabetização. Segundo a autora, a concepção mecanicista, por exemplo, entende a linguagem como desvinculada do contexto histórico-cultural, assim, possuindo um único significado que independe das condições de produção e recepção. Nela, os sujeitos são considerados passivos, não pensantes, tábulas rasas, por isso, a aquisição da linguagem está associada a um processo de estímulos e respostas, repetição e imitação.

Outra concepção de leitura e alfabetização apresentada por Braggio (1992) é a do modelo psicolinguístico, na qual o sujeito é considerado o processador ativo do conhecimento. O foco predominante é sua atividade mental, sua capacidade de usar a língua para expressar as suas ideias, dito de outro modo, a língua é uma expressão do pensamento. Assim, tanto a escrita, quanto a fala são registros ou enunciações compreensíveis de ideias individuais.

Além do modelo psicolinguístico, o modelo interacionista de leitura também considera o papel do sujeito e vai um pouco além ao conceber a leitura como um processo de interação entre leitor e o objeto (texto) para construir significado (BRAGGIO, 1992).

Para além desses e outros modelos, a concepção aqui defendida será aquela que entende a alfabetização em seu sentido amplo, não só como apropriação de um sistema de

escrita, mas como constituída de um sujeito que aprende a dar sentido ao que escreve. Uma concepção sócio-histórica ideológica de linguagem, que considera a alfabetização como um processo discursivo. Segundo Smolka (2012, p.68):

Ancorada prioritariamente nas contribuições de Vigotski e Bakhtin, essa perspectiva considera a atividade mental da criança não apenas em seu aspecto cognitivo, mas em seu aspecto *discursivo*. Ou seja, a linguagem, a palavra – oral ou escrita – é, ou pode ser, ao mesmo tempo, meio/modo de interação, meio/modo de (inter e intra) regulação das ações, e objeto de conhecimento. A ênfase na relação social e na prática dialógica caracteriza a dimensão discursiva.

Na concepção discursiva, defendida com base em Bakhtin, a língua é concebida como prática social dialógica, como processo interativo que envolve polifonia, dialogia e responsividade. Por isso, Smolka destaca que alfabetizar, nessa perspectiva, envolve situações de interlocução, de interação, de barulho e movimentação, mas é justamente nessas conversas que as crianças se afirmam com valores e crenças, com sentimentos e vivências, com modos de dizer e dar sentido por escrito.

Torna-se compreensível, então, esse entendimento da língua como prática discursiva que se estabelece em condições concretas de enunciação. Essa concretude das situações comunicativas permite que os alunos se assumam como locutores e interlocutores, que eles produzam e reconstruam sentidos para o que falam, escrevem ou para o que leem, escutam a partir do contexto no qual estão inseridos, embora saibamos que nem sempre essa aproximação da língua com as práticas sociais comunicativas seja efetivamente colocada em prática nas salas de aula.

Além disso, assumir essa perspectiva na alfabetização envolve, em nossa compreensão, realizar um trabalho interdisciplinar, uma vez que os temas e ações emergem da interação com as crianças, dos seus interesses, com participação ativa destas no processo de aprendizagem. Isso significa que a leitura e a escrita serão trabalhadas a partir de temas/conteúdos de diversas disciplinas.

Embora o conceito de interdisciplinaridade seja algo bastante complexo, para o qual não existe um consenso, vamos destacar, aqui, as concepções de dois pesquisadores que são considerados referências no Brasil: Hilton Japiassu e Ivani Fazenda.

Japiassu (1976, p. 75) considera que a interdisciplinaridade envolve uma diálogo teórico-metodológico, interação entre os diferentes campos, ciências, disciplinas: Para o autor:

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que

se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados.

Fazenda (2011, p. 10), por sua vez, defende que “a interdisciplinaridade é uma nova atitude frente à questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos colocando-os em questão”. Enfim, envolve desprender-se de certezas, sair do lugar de conforto e abrir-se a outras possibilidades de construção do conhecimento, uma abertura às trocas, a novas relações.

No livro “Como alfabetizar? Na roda com professoras alfabetizadoras”, Gonçalves (2015), propõe uma resposta para uma pergunta que ocorre a todos os alfabetizadores: “Por onde começar?”, afirmando que devemos começar pela vida. Para ela, a aprendizagem da leitura e da escrita envolve a inserção da criança na dinâmica das relações sociais e considera as vivências dos aprendizes, vivências essas que se manifestam em momentos de escuta de suas falas.

Assim, nos perguntamos: como ter como matéria a vida e alfabetizar sem o diálogo, sem as trocas entre as disciplinas escolares e seus campos?

A sequência didática que apresentamos neste artigo propôs-se a esse diálogo, a essa troca defendida por Japiassu (1976). Tal prática pedagógica exemplifica como o ensino da leitura e da escrita pode se dar de forma discursiva. Além de ilustrar como alfabetizar pela vida, essa ação também nos traz indícios de um trabalho interdisciplinar.

3 Metodologia

Este trabalho se caracteriza, conforme Gil (2002), como uma pesquisa qualitativa. Apresenta um relato de experiência que se desenvolveu por meio de uma sequência didática (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) executada em uma turma de alfabetização, 2º ano, em uma escola pública do município de Rio Branco, Acre, durante o ano letivo de 2022.

A proposta didática surgiu de uma situação vivenciada pelas crianças na sala de aula. Durante uma roda de conversa com toda a turma, uma aluna falou que estava se sentindo muito triste. Chorando, falou que seu gatinho de estimação havia morrido. A turma ficou muito comovida com a emoção da colega e começou a questionar os motivos da morte, a idade do animal, suas características, dentre outras perguntas, que geraram muitas dúvidas. Percebendo o entusiasmo dos estudantes, sugerimos que desenvolvêssemos um estudo sobre os animais, assim poderiam responder às suas inquietações.

Com base nos questionamentos das crianças, elaboramos uma sequência didática denominada *Meu animal de estimação: conhecendo mais os animais domesticados* e se organizou nas seguintes etapas:

Inicialmente, fizemos a leitura do livro *A casa dos animais*, de Kerliane Uchôa.

Discutimos sobre os diferentes lugares em que os animais moram. Em seguida, fizemos a leitura de um texto informativo sobre os animais domesticados e selvagens. Realizamos, em diferentes momentos, o estudo de textos informativos do livro didático de Ciências, os quais abordavam questões envolvendo as características dos animais, modo de locomoção, cobertura corporal, alimentação.

Antes da leitura de cada texto, informamos aos aprendizes qual era a finalidade da leitura, direcionando as informações que deveriam encontrar. No primeiro momento, pedimos que eles lessem sozinhos, à sua maneira, considerando que muitos alunos ainda liam no nível da decodificação. Depois da interação dos estudantes com o texto, fizemos a leitura em voz alta, seguida da leitura simultânea, a qual realizamos lentamente, explorando os conceitos e as informações apresentadas. Nesse processo de mediação, fornecemos instruções aos alunos para auxiliar no procedimento de grifar e selecionar as informações mais relevantes, principalmente as que respondiam às indagações das crianças. Após cada leitura e estudo do texto, fizemos a sistematização e o registro escrito dos conhecimentos construídos.

Posteriormente, solicitamos aos alunos que escrevessem sobre seu animal de estimação: a espécie, nome, características, habitat, alimentação, do que mais gosta de brincar, para compor o mural de informações da turma. Os alunos que não tinham animal de estimação poderiam escrever sobre um animal que gostariam de ter. Durante essa atividade, fizemos reflexão coletiva sobre a escrita de algumas palavras.

Na aula seguinte, estudamos sobre os cuidados que devemos ter com os animais domesticados. Para tanto, utilizamos uma tirinha da Turma da Mônica, do livro didático de Ciências, em que as personagens estavam cuidando do seu animal. Após discutirmos sobre tais cuidados, organizamos as crianças em duplas e encaminhamos a seguinte proposta de escrita: escreva uma cartinha para a Mônica, o Cascão e o Cebolinha, informando os cuidados que eles deveriam ter com seus animais de estimação. Em colaboração, e com a nossa mediação, os alunos conseguiram desenvolver a proposta de escrita. Um aluno falou para a turma que seria o carteiro, então, ele mesmo recolheu as cartinhas para "entregar aos personagens".

Para a atividade seguinte, encaminhamos previamente uma pesquisa sobre o tempo de vida dos animais. Os estudantes levaram para a sala as informações que organizamos em uma tabela de dupla entrada. Dessa maneira, as crianças observaram que o gato tem uma expectativa de vida variando de 12 a 18 anos. Após essa observação, fizemos a leitura do livro *Meu animalzinho morreu*, de Heitor Hirata, para as crianças aprenderem a lidar com a perda do bicho de estimação.

Na etapa seguinte, organizamos os alunos em grupos de três ou quatro componentes para prepararem os cartazes que seriam usados no seminário. Desse modo, apresentamos

slides com alguns cartazes, para que analisassem e observassem a estrutura desse gênero textual. Depois, pedimos que retomassem suas anotações e os textos estudados para separarem as informações que iriam compor os cartazes. Escrevemos no quadro as questões que os grupos deveriam selecionar com o intuito de direcionar o trabalho.

Com essa etapa concluída, fizemos uma discussão sobre como devemos proceder em um seminário. Os próprios estudantes ressaltaram que deveriam falar alto, não ficar de costas para a turma, não ficar rindo e brincando. Acrescentamos que deveriam se preparar antecipadamente, estudar sobre o assunto, ensaiar, ficar atento à postura, usar adequadamente o cartaz. Os estudantes se apresentaram uns para os outros como forma de ensaio. Assim, fizeram apontamentos corrigindo o que consideravam inadequado na apresentação. Também fizemos algumas intervenções. Na etapa seguinte, os grupos apresentaram o seminário.

Após a conclusão do seminário fizemos uma roda de conversa para avaliar os conhecimentos construídos ao longo da sequência didática. Três perguntas balizaram esse momento: o que eu já sabia sobre os animais? O que aprendi? Por que foi importante estudar sobre esse tema? Dessa maneira, pudemos perceber as atividades exitosas e as lacunas que ficaram ao longo do trabalho, para repensar atividades futuras.

4 Resultados e Discussão

O relato evidencia que a professora considerou uma situação vivenciada pelos estudantes para propiciar situações de construção de conhecimento em uma perspectiva interdisciplinar, conforme sugere Fazenda (2011). Ao longo do relato, percebemos a tentativa da professora de trabalhar os questionamentos dos alunos feitos durante a roda de conversa que suscitou a proposta didática. Do mesmo modo, percebemos o cuidado em abordar, por meio da literatura, o assunto relacionado à morte de animais de estimação.

O fato de a professora começar um trabalho em uma turma de alfabetização a partir da vivência dos alunos, converge também com o apregoado por Gonçalves (2015), ao afirmar que a aprendizagem da leitura e da escrita envolve a inserção da criança na dinâmica das relações sociais. O relato dá indícios de que as situações de leitura e de escrita praticadas pelas crianças aconteceram no contexto dessas relações.

No que se refere às práticas de leitura e de escrita, o relato indicou situações que levam a crer que a professora trabalha a alfabetização em uma perspectiva discursiva. Observamos que o contexto do trabalho, baseado em situações significativas para os alunos, deu sentido ao que leram e escreveram. Talvez, para substanciar isso, foi que a professora esclareceu o objetivo da leitura de cada texto e, assim, os estudantes liam com propósito definido. Em um primeiro momento, as crianças interagem autonomamente com o texto, e,

depois, faziam a leitura em conjunto, fazendo destaques. As propostas de escrita feitas pela professora, embora em uma delas os interlocutores sejam personagens fictícios, a escrita cumpre seu papel social de significar, de expressar ideias, de comunicar. Desse modo, as crianças vão adquirindo conhecimentos sobre a escrita, experienciando e assimilando as normas da convenção (SMOLKA, 2012) e se tornando cada vez mais usuários competentes da língua.

O relato sinaliza, também, que as práticas de linguagem (leitura, escrita e oralidade) da sequência didática foram desenvolvidas considerando a dimensão dialógica da língua. As crianças leram os textos buscando respostas para suas inquietações e escreveram para comunicar, em um seminário, os conhecimentos construídos sobre os animais. Percebemos, portanto, que os alunos aprenderam, ao mesmo tempo, os conteúdos relacionados à Ciências da Natureza e à linguagem.

5 Considerações Finais

No texto, procuramos discutir o trabalho com a leitura e escrita na alfabetização em uma perspectiva discursiva e interdisciplinar ressaltando a importância de promover a aprendizagem da leitura e da escrita através de situações concretas que partem das dinâmicas de diversas práticas sociais vivenciadas pelas crianças, dos momentos de diálogo, de fala e escuta.

Para embasar nossa discussão, dialogamos com Braggio (2002), Smolka (2012), Goulart (2014) e Colello (2021), que nos apresentam as diferentes concepções que fundamentaram a alfabetização ao longo da história, até chegarmos à concepção discursiva, que concebe a alfabetização em seu sentido mais amplo, como constituída de um sujeito que aprende a significar por escrito.

Em defesa desta última, apresentamos um relato de experiência cujo propósito era inserir as crianças no universo da leitura e escrita através de práticas sociais vivenciadas por elas, uma vez que a sequência didática foi elaborada a partir de um acontecimento ocorrido em sala com uma das crianças: a perda de um animal de estimação.

Evidencia-se, portanto, a importância de um trabalho interdisciplinar, que favoreça a aprendizagem da leitura e da escrita na alfabetização, ao mesmo tempo que permita ao aluno discutir conhecimentos diversos, especialmente que dialoguem com suas realidades e seus próprios saberes.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRAGGIO, S.L.B. **Leitura e alfabetização** – da concepção mecanicista à sociopsicolinguística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

COLELLO, S. M.G. **Alfabetização: o quê, por quê e como**. São Paulo: Summus, 2021.

FAZENDA, I. Desafios e perspectivas do trabalho interdisciplinar no Ensino Fundamental: contribuições das pesquisas sobre interdisciplinaridade no Brasil: o reconhecimento de um percurso. In: **Interdisciplinaridade** / Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI) – Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade – v. 1, n. 1 (out. 2011) – São Paulo: PUCSP, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, A. V. Alfabetizar: por onde começar? In: GOULART, C. M. A.; Souza, Marta Lima de (orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professoras dos anos iniciais. São Paulo: Papirus, 2015.

GOULART, C.M.A. **A escrita de textos por crianças em processo de alfabetização: aprendendo ciências**. EdUECE – Livro 1, p. 289-300, 2014.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SMOLKA, A.L.B. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, M.. Alfabetização: o saber, o querer, o fazer. In: MORTATTI, M.R.L; FRADE, I.C.A.S. (org.) **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 27-35.